

O “tríduo da loucura”: Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico¹

Petrônio Domingues[1]

Resumo

O artigo procura reconstituir aspectos do carnaval de São Paulo nas primeiras décadas do século XX, centrado na trajetória de uma das manifestações artístico-culturais dos afro-paulistas: o Grupo Carnavalesco Campos Elyseos. Num contexto em que o negro ficou subalternizado social e politicamente, o cordão carnavalesco assumiu um sentido afirmativo, convertendo-se num meio de promoção desse segmento racial. Além de garantir diversão e entretenimento aos associados, a agremiação colocava em circulação noções de pertencimento, igualdade e cidadania.

Palavras-chave: negros; carnaval; festa popular.

El “triduo de la locura”: Campos Elyseos y el carnaval afro-diaspórico

Resumen

El artículo tiene como objetivo reconstruir aspectos del Carnaval de São Paulo en las primeras décadas del siglo XX, centrada en el camino de las manifestaciones artísticas y culturales de afropaulistanos: Grupo Campos Elyseos Carnaval. En un contexto donde el negro era subordinado social y políticamente, el carnaval tomó en una cadena de sentido así, convertirse en un medio de promover este segmento racial. Además de garantizar diversión y entretenimiento a los miembros, el gremio de poner en circulación las nociones de pertenencia, la igualdad y la ciudadanía.

Palabras clave: negro; carnaval; fiesta popular.

The “triduum of madness”: Campos Elyseos and the african-diasporic carnival

Abstract

This article aims to recover aspects of São Paulo carnival in the first decades of the 20th century, centered on the trajectory of one of the São Paulo blacks' artistic-cultural expressions: the Campos Elyseos Carnival Group. In a context in which blacks were subordinated socially and politically, the *cordão carnavalesco* took on an affirmative sense, becoming a means of promoting this racial sector. In addition to providing diversion and entertainment to its members, the association circulated notions of belonging, equality, and citizenship.

Keywords: blacks; carnival; popular party.

Le Triduum de folie: Champs Elyseos et le carnaval de la diaspora africaine

Résumé

Cet article cherche à reconstruire aspects du Carnaval de São Paulo dans les premières décennies du 20^e siècle, mettant l'accent sur la trajectoire des expressions artistiques et culturelles des Afrodescendants à São Paulo: le groupe de Carnaval Champs Elysees. Dans un contexte où le noir était subordonné socialement et politiquement, le carnaval a acquis un sens positif et est devenu un moyen de promouvoir ce segment raciale. En plus d'assurer plaisir et de divertissement pour ses membres, le groupe a mis en circulation des notions d'appartenance, d'égalité et de la citoyenneté.

Mots-clés: noires; carnaval; parti populaire.

Artigo recebido em 18 de setembro de 2012 e aprovado para publicação em 03 de dezembro 2012.

[1] Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS) – São Cristóvão (SE) – Brasil. E-mail: pjdomingues@yahoo.com.br

¹O autor agradece a Kim Butler (Rutgers University), pela leitura deste artigo, e a Ruan Reis, bolsista de iniciação científica Pibic/CNPq, pelo auxílio na compilação de alguns periódicos.

*Partiu
Não tem placa de bronze
Não fica na história
Sambista de rua morre sem glória
Depois de tanta alegria que ele nos deu
Assim
Um fato repete de novo
Sambista de rua
Artista do povo e
É mais um que foi sem dizer adeus.
“Silêncio no Bexiga” (Geraldo Filme)*

No dia 23 de junho de 1928, o jornal *Progresso* noticiava o aniversário do Campos Elyseos, a agremiação com maior número de vitórias nos concursos carnavalescos que ocorriam na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX:

Dizer o que foi a trajetória do alvi-roxo em quase uma década de existência, seria descrever os numerosos triunfos, conquistados no efêmero reinado dos dias da folia. Palmas obtidas, assim em dias etéreos, atestam proficientemente a excelência de seu possuidor. Certamente que sim.

O Campos Elyseos era qualificado como uma “lídima afirmação do carnaval” das ruas. “Num teatro onde tudo é transitório e passageiro”, dizia o jornal, “comovemo-nos, às vezes, com o desenrolar de uma comédia com o desfecho de um drama”. Nove anos que o Momo teria empunhado o “cetro para, com toda sua corte afugentar da terra a tristeza, que não tolera a gargalhada”. E quando ele se vai, cambaleando, “soando os seus guizos, deixa nos ouvidos rememoráveis (sic) as canções com que os Campos Elyseos quebra a monotonia do carnaval paulistano”.

Moços de almas sonoras, foliões, não se conformando com a circunspeção, com que se entra aqui no tríduo da loucura, resolveram, em hora feliz, organizar o grupo carnavalesco, cujo aniversário festejamos hoje. Tantos foram seus fundadores, tantos. Vamos enumerá-los, temendo omitir o nome de alguns: Argentino Celso Wanderlei, Antenor Ferreira, Benedicto de Oliveira, Cezino de Oliveira, José Francisco, Luís Camillo, João de Andrade, João Ricardo, Ismael de Oliveira, Guilherme de Oliveira, Luís Gonzaga, Saturnino de Oliveira e Euclides dos Santos.

Para finalizar a matéria, o jornal informava a programação especial, que a agremiação havia preparado para a efeméride:

Hoje à noite, em comemoração ao seu aniversário, o Campos Elyseos realiza os festejos seguintes: às 22 horas terá início o festival durante o qual serão entregues os prêmios conquistados no carnaval pelo Sr. Oscar de Andrade e senhorinha Hemínia do Nascimento.

Pela sua “brilhante” atuação nas rodas desportivas,

será também, no mesmo dia, oferecido pelo C. Elyseos ao São Geraldo [um time de futebol] uma artística taça. Depois dessas cerimônias, dar-se-á começo ao baile, ritmado pelo *jazz* do Sr. Benedito dos Santos.²

Como se percebe, o Campos Elyseos era celebrado pelo *Progresso*. Visto como sinônimo de enlevo, “excelência”, descontração, “triumfos”, o popular “alvi-roxo” representaria um marco no carnaval paulistano. Com ele no teatro da rua, desfilando com o seu cetro e toda sua corte nos dias do reinado de Momo, a tristeza estaria banida da terra dos *bandeirantes*, imperando a alegria, acompanhada de bom humor, canções, palmas e desfiles apoteóticos. Enfim, o “tríduo da loucura” não seria mais o mesmo com a entrada em cena do Campos Elyseos. É justamente a trajetória dessa agremiação carnavalesca o tema do presente artigo.

Que o carnaval se revestia de um sentido lúdico, para não dizer dionisíaco, ninguém tem dúvidas. Com efeito, estratos dos afro-paulistas foram além. Aproveitaram o “tríduo da loucura” para quebrarem (ou tentarem quebrar) a monotonia do cotidiano, de obediência às normas sociais e raciais, divertirem-se aos píncaros, sem, contudo, deixarem de desfraldar seus anseios, expectativas e projetos de autoafirmação no Planalto de Piratininga. Considerando essa premissa, é conveniente saber: e o “alvi-roxo”? De que forma a agremiação se apropriou do carnaval e de suas atividades correlatas na década de 1920? Na concepção de alguns especialistas, os negros não participaram das estruturas políticas formais no período da Primeira República. Se essa assertiva proceder, cabe argumentar que estes, ainda assim, ocuparam o espaço público, atuaram no âmbito da sociedade civil e desenvolveram múltiplas ações proativas. Numa ordem republicana que os repelia (ou os incluía marginalmente), os cordões carnavalescos dos afro-paulistas abriram um canal de diálogo entre eles e as agências de poder e, na medida do possível, seus desfiles foram utilizados como meio de promoção da equidade.

A maior parte das obras que versam sobre o carnaval, no final do século XIX e primeiras décadas do XX, tem como referência principal o carnaval

²*Progresso*, São Paulo, 23 Jun. 1928, p. 2. O *Progresso* fazia parte do que se designou de “imprensa negra”: jornais e revistas publicados por e para os “homens de cor” em São Paulo na etapa posterior à Abolição da escravidão. Para a produção deste artigo, foram consultados os seguintes títulos: *O Menelik, A Rua, Alfinete, A Liberdade, Kosmos, Getulino, O Clarim d'Alvorada, O Auriverde, O Patrocínio, Evolução* e, obviamente, *Progresso*. Sobre os periódicos dos afro-brasileiros, ver Roger Bastide, “A imprensa negra do Estado de São Paulo”, *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Sociologia*, vol. CXXI, n. 2, São Paulo, 1951, p. 50-78; Miriam Nicolau Ferrara, *A imprensa negra paulista, 1915-1963*, São Paulo, Ed. FFLCH-USP, 1986; Kim D. Butler, *Freedoms given, freedoms won: afro-brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador*, New Brunswick, NJ, Rutgers University Press, 1998, p. 210-227; Petrônio Domingues, *A nova abolição*, São Paulo, Selo Negro, 2008, particularmente o primeiro capítulo; Micol Seigel, *Uneven encounters: making race and nation in Brazil and The United States*, Durham, NC, Duke University Press, 2009, p. 179-205 e Paulina L. Alberto, *Terms of inclusion: black intellectuals in 20th century Brazil*, Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 2011, p. 23-68.

do Rio de Janeiro,³ sendo relativamente escassa a produção nesse assunto relacionada à sua manifestação em outras plagas. Já no que tange ao carnaval dos negros e suas agremiações, a situação também é desigual. Para além da experiência carioca, são limitadas as pesquisas.⁴ Dentre os primeiros que se dedicaram à temática na cidade ou Estado de São Paulo, estão os folcloristas, memorialistas e jornalistas.⁵ É mais recente o interesse do mundo acadêmico pelo carnaval dos afro-paulistas e suas agremiações. Em 1986, a antropóloga Iêda Marques Britto publicou o livro *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930)*, no qual abordou o nascimento e desenvolvimento dos folguedos carnavalescos dos negros;⁶ em 1990, José Carlos Gomes da Silva concluiu uma dissertação de mestrado em Ciências Sociais, na qual investigou o cotidiano e o lazer dos afro-paulistanos, entre 1900 e 1930, e traçou um sucinto bosquejo dos cordões carnavalescos;⁷ em 2004, os antropólogos Wagner Gonçalves da Silva *et al.* escreveram um artigo sobre duas importantes personagens negras, cujas trajetórias se confundem com o processo

³Sobre o carnaval no Rio de Janeiro, ver, entre outros, Roberto da Matta, *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979; Ana Maria Rodrigues, *Samba negro, espoliação branca*, São Paulo, HUCITEC, 1984; Eneida de Moraes, *História do carnaval carioca*, Rio de Janeiro, Record, 1987; Maria Isaura Pereira de Queiroz, *O carnaval brasileiro: o vivido e o mito*, São Paulo, Brasiliense, 1992; Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *O carnaval das letras*, Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1994; Sérgio Cabral, *As escolas de samba do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Luminar, 1996; Maria Clementina Pereira Cunha, *Ecossistema: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001; Rachel Soihet, *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca, da Belle Époque ao tempo de Vargas*, 2. ed., Uberlândia/MG, EDUFU, 2008.

⁴Para o carnaval dos negros e suas agremiações no Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX, ver Íris Graciela Germano, *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*, Dissertação de Mestrado em História, UFRGS, Porto Alegre, 1999; Beatriz Ana Loner e Lorena Almeida Gill, "Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas", *Estudos Ibero-Americanos*, vol. 35, n. 1, Porto Alegre, 2009, p. 145-162. Já para Salvador, ver Peter Fry *et al.*, "Negros e brancos no carnaval da Velha República", In: João José Reis (org.), *Escravidão e invenção da liberdade - estudos sobre o negro no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 232-263; Raphael Rodrigues Vieira Filho, "Diversidade no carnaval de Salvador: as manifestações afro-brasileiras (1876-1930)", *Projeto História*, n. 14, São Paulo, 1997, p. 217-230; Kim D. Butler, *Freedoms given, freedoms won: afro-brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador*, New Brunswick, NJ, Rutgers University Press, 1998, p. 168-209; Wlamyra R. Albuquerque, *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 195-240. Para Pernambuco, ver Leonardo Dantas Silva e Mário Souto Maior (orgs.), *Antologia do carnaval do Recife*, Recife, Ed. Massangana, 1991; Rita de Cássia Barbosa de Araújo, "Festas públicas e carnavais: o negro e a cultura popular em Pernambuco", In: Luiz Sávio de Almeida *et al.*, (orgs.), *O negro e a construção do carnaval no Nordeste*, Maceió, Edufal, 2003, p. 23-54. Para Alagoas, ver Bruno César Cavalcanti, "Bons e sacudidos: o carnaval negro e seus impasses em Maceió", In: Suassuna Fernandes *et al.*, (orgs.), *Kulé Kulé - visibilidades negras*, Maceió, Edufal, 2006, p. 26-40.

⁵Para uma literatura produzida por folcloristas, memorialistas e jornalistas sobre o carnaval dos negros e suas agremiações em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, ver José Muniz Júnior, *Do Batuque à Escola de Samba: subsídios para a história do samba*, São Paulo, Símbolo, 1976; Wilson Rodrigues de Moraes, *Escolas de samba de São Paulo - Capital*, São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978; Nelsinho Crecibeni, *Convocação geral, a folia está na rua: o carnaval de São Paulo tem história de verdade*, São Paulo, O Artífice Editorial, 2000; Maria Aparecida Urbano, *Carnaval e samba em evolução em São Paulo*, São Paulo, Plêiade, 2005; Maria Aparecida Urbano *et al.*, *Arte em desfile: escola de samba paulistana*, São Paulo: Edicon, 1987.

⁶Iêda Marques Britto, *Samba na cidade de São Paulo, 1900-1930: um exercício de resistência cultural*, São Paulo, FFLCH-USP, 1986.

⁷José Carlos Gomes da Silva, *Os sub urbanos e a outra face da cidade. Negros em São Paulo: cotidiano, lazer e cidadania, 1900-1930*, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Unicamp, Campinas, 1990, p. 60-72. Desse mesmo autor, ver "Negros em São Paulo: espaço público, imagem e cidadania", In: Ana Maria de Niemeyer; Emília Pietrafesa de Godói (orgs.), *Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos*, Campinas, Mercado de Letras, 1998, p. 65-96.

de legitimação do carnaval e do samba paulistas;⁸ em 2007, a antropóloga Olga Von Simson trouxe a lume um livro — originalmente apresentado como tese de doutorado em antropologia, em 1989 — sobre os “brancos e negros no carnaval popular paulistano (1914–1988)”⁹ Já nos domínios de *Clio*, José Geraldo Vinci de Moraes aludiu à história dos cordões *bandeirantes*, em 1995,¹⁰ e Zélia Lopes da Silva publicou um livro, em 2008, no qual reserva um tópico para discorrer sobre os carnavais de rua e dos clubes dos negros na cidade de São Paulo, entre 1923 e 1938.¹¹ A despeito de essas pesquisas oferecerem um panorama amplo do carnaval dos afro-paulistas nas primeiras décadas do século XX, faltam estudos específicos de suas agremiações. Em conjunto, as pesquisas servem como referência e ponto de partida, mas não sistematizam ou analisam a questão que será pautada: a trajetória do Grupo Carnavalesco Campos Elyseos.

Na avaliação de Von Simson, os cordões passaram por duas fases distintas. Na primeira, a fase de implantação e desenvolvimento, não houve “desfiles institucionizados, nem, portanto, apoio oficial”. Essa fase se prolongou de meados dos anos 1910 até o fim da década de 1920. A segunda, que a autora denomina de “fase de institucionalização progressiva”, corresponde ao momento de consolidação dos desfiles, quando os cordões receberam incentivos ora de emissoras de rádio, ora de jornais. Posteriormente,

algumas firmas comerciais e industriais e, eventualmente, o poder municipal passaram a organizar e financiar os desfiles. Essa segunda fase culminou com a oficialização do carnaval popular em 1968, que, entretanto, determinou o desaparecimento progressivo dos cordões.¹²

Considerando essa periodização, é de bom alvitre que se diga: não se trata aqui de passar em revista toda a trajetória do Campos Elyseos, mas circunscrevê-la à primeira fase dos folguedos dos afro-paulistas.

O carnaval paulistano

Antes, porém, de trazer à baila a história do Campos Elyseos, serão traçadas breves notas acerca do carnaval paulistano. Na segunda metade do século XIX, o entrudo — o modo antigo de se divertir nos dias de carnaval trazido pelos colonizadores lusitanos, em que os brincantes usavam máscaras

⁸Vagner Gonçalves da Silva *et al.*, “Madrinha Eunice e Geraldo Filme: memórias do carnaval e do samba paulistas”, In: Vagner Gonçalves da Silva (org.), *Artes do corpo*, São Paulo: Selo Negro, 2004, p. 123-187 (Memória afro-brasileira; vol. 2).

⁹Olga Von Simson, *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano, 1914-1988*, Campinas, Editora da Unicamp; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

¹⁰José Geraldo Vinci de Moraes, *Sonoridades paulistanas: a música popular na cidade de São Paulo - final do século XIX ao início do século XX*, Rio de Janeiro, Funarte, 1995, p. 104-118.

¹¹Zélia Lopes da Silva, *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa, 1923-1938*, São Paulo, Editora Unesp; Londrina, Edel, 2008.

¹²Olga Von Simson, *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano, 1914-1988*, Campinas, Editora da Unicamp; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 170.

grotescas e faziam barulho e estripulias; atiravam água, limões e laranjas de cheiro, pó, barro e outras substâncias pouco higiênicas — passou a ser identificado, pelas elites brasileiras, como sinônimo de herança colonial, de atraso e de ignorância, não condizente, por isso, com o projeto de uma nação civilizada, próspera e moderna. O carnaval arquitetado pelas elites, com o qual desejavam banir com o “selvático” e “primitivo” entrudo, espelhava-se nos festejos espetaculares de Paris, Veneza e Nice. Bailes de máscara, trajés finos e elegantes, *buffet* e atrações diversas nos recintos fechados dos clubes, dos teatros e das agremiações carnavalescas converteram-se cada vez mais no modelo de festa oficial. As batalhas de confetes, serpentinas e lança-perfumes e os préstitos luxuosos completavam as diversões com as quais a gente “cultura” e “refinada” das cidades costumava saudar o “deus da pândega”.¹³

Os negros investiram na criação e recriação de formas populares de brincar o carnaval: os caiapós, zé-pereiras, blocos e, mais tarde, os ranchos e cordões

Parece que, em São Paulo, o cenário não assumiu configurações distintas. O “primeiro carnaval” de feição moderna que se fez ali foi no ano de 1857 — anotou o cronista Antonio Egydio Martins —, “não conhecendo o povo paulista, até aquele instante, esse gênero de divertimento, pois só conheciam o tradicional entrudo”.¹⁴ É questionável a datação, apontada por Egydio Martins, para o “primeiro carnaval” de São Paulo.¹⁵ Mas importa, aqui, saber que os bailes de máscaras em hotéis, teatros, clubes e chácaras particulares se multiplicaram durante a segunda metade do século XIX.¹⁶ Havia também — no “tríduo da loucura” — os desfiles em carruagens ou em carros alegóricos, nos préstitos das grandes sociedades carnavalescas, bem como a apresentação de blocos, como *Os Zuavos*, formado por grande número de comerciantes, vários funcionários públicos e os “figurões da terra”. Seus integrantes percorriam as ruas do centro da cidade, sendo alvo dos confetes e das serpentinas lançadas pelas pessoas instaladas em suas residências. No limiar

¹³Ver, entre outros, Afonso Antonio de Freitas, “Do carnaval dos tempos coloniais ao cateretê moderno paulistano”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 33, 1937; Rita de Cássia Barbosa de Araújo, “Carnaval do Recife: a alegria guerreira”, *Estudos Avançados*, vol. 11, n. 29, São Paulo, 1997, p. 203-216; Cunha, *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*, São Paulo, Companhia das Letras, 2001

¹⁴Antonio Egydio Martins, *São Paulo antigo, 1554-1910*, São Paulo, Paz e Terra, 2003, p. 155.

¹⁵O cronista Ernani Silva Bruno, por exemplo, apresenta uma datação um pouco divergente daquela ventilada por Egydio Martins: “O primeiro carnaval de feição moderna em São Paulo parece que foi feito em 1855, não conhecendo o paulistano até essa época senão o entrudo primitivo, que há muito tempo vinha sendo combatido pelo poder municipal”. Ernani Silva Bruno, *História e tradições da cidade de São Paulo: burgo de estudantes, 1828-1872*, vol. 2, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1953, p. 794.

¹⁶Raimundo de Menezes, *São Paulo dos nossos avós*, São Paulo, Saraiva, 1969, p. 82.

do século XX, continuaram os préstitos das grandes sociedades — como o Clube dos Pindaíbas, o Clube dos Fenianos e o Clube Tenentes de Plutão¹⁷ — no Triângulo Central (ruas 15 de Novembro, Direita e São Bento), porém a atividade carnavalesca de maior prestígio era o curso, um desfile vespertino de carros abertos enfeitados, realizado pelas famílias das elites na avenida mais elegante da cidade: a Paulista. Frederico Branco participou de um desses carnavais quando criança e, em texto memorialístico, relata que jamais se esqueceu da experiência. Fantasiado de arlequim e posicionado no assento traseiro do Ford conversível, na companhia de irmão, primas e primos pequenos, ele teria se rendido, “encantado, ao universo de cantos e cores que era o curso”. Do bairro do Paraíso à Consolação, a Avenida Paulista ficava repleta de carros abertos que se moviam lentamente entre nuvens de confete e serpentina,

com gente encarapitada nos estribos, paralamas, cofres e para-choques dos automóveis, cantando, pulando, brincando, provocando-se com longas varas ornamentadas com flores de papel.¹⁸

No curso da Paulista, os negros eram aceitos apenas como meros espectadores. Pudera. As elites brancas e os milhares de imigrantes, sobretudo italianos, medraram em São Paulo um clima de “preconceito de cor” e intolerância contra os negros. Estes, aliás, eram geralmente vistos como inferiores, não sendo contratados por várias empresas, nem servidos em certos bares, hotéis, restaurantes e barbearias nas cidades do Estado. Tinham o acesso dificultado a determinados parques e praças públicas.¹⁹ Suas práticas lúdico-culturais — como batuques, samba-lenço, jongos, tambus, congadas, moçambiques, capoeiras e jogos de tiri-rica — sofriam cerceamentos, quando não perseguições. E suas manifestações religiosas — especialmente a *macumba* — eram proibidas. O carnaval, assim, refletia as contradições raciais mais amplas. Não conformados em ficar alijados dos festejos oficiais e acumulando as antigas experiências de cunho afro-diaspórico, os negros investiram na criação e recriação de formas populares de brincar o carnaval: os caiapós, zé-pereiras, blocos e, mais tarde, os ranchos e cordões.

De acordo com Von Simson, os caiapós constituíram a “gênese dos folguedos carnavalescos negros” em São Paulo. Consistiam num auto dramático, em forma de dança, que precediam as procissões coloniais. Narravam

a história da morte de um cacique indígena, atingido pelo homem branco, que conseguia voltar à vida graças às artes do pajé, para alegria e regozijo da tribo.

Denunciando a repressão sofrida por parte dos brancos escravocratas, os

negros pobres da São Paulo dos séculos XVIII e XIX, nesta manifestação, ressaltavam o caráter repressor dos portugueses, ao

¹⁷Ernani Silva Bruno, *História e tradições da cidade de São Paulo: metrópole do café, 1872-1918*, vol. 3, 4. ed., São Paulo, Hucitec, 1991, p. 1230.

¹⁸Frederico Branco, *Postais paulistas*, São Paulo, Maltese, 1993, p. 97.

¹⁹George Reid Andrews, *Negros e brancos em São Paulo, 1888-1988*, Bauru, SP, EDUSC, 1998, p. 216-217.

mesmo tempo que simbolicamente o sobrepujavam pelas artes dos próprios dominados.²⁰

Nas últimas décadas do Oitocentos, os caiapós foram proibidos de acompanhar os cortejos religiosos e passaram a fazer parte de um novo espaço no calendário festivo da cidade: o carnaval. O memorialista Jorge Americano recorda que, quando criança, cruzou com um grupo de caiapós. Vestiam uma roupa rústica e, no pescoço, colares de bugigangas. Nas “cadeiras, nas canelas e nos punhos, penas de espanador. Na cabeça, um cocar de penas de espanador. As faces tinham riscos vermelhos”. Metade do grupo trazia instrumentos improvisados: nós de bambu gigante que serviam de caixa de ressonância, taquari-nhas de várias grossuras que, sopradas, davam notas musicais, e cabaças para sacudir, cheias de pedrinhas. A outra metade do grupo estava

armada de arcos e flechas. Os da música começaram a tocar, batucan-do os pés. Os das flechas faziam danças guerreiras. O batuque aumentava, a multidão batucava e o som propagava-se longe.²¹

Os caiapós desfilaram até aproximadamente 1910, embora ainda fosse possível encontrar algumas “moças e meninas” fantasiarem-se de “mulheres de apaches”, em 1919.²²

Outra forma de diversão dos negros, durante o reinado de Momo, era o “Zé Pereira”. Segundo Jorge Americano, consistia num grupo de quatro ou cinco homens fantasiados, com “calça e casaco de fazenda barata, de várias cores, e chapéus caipiras com desenhos mal feitos”. O rosto era pintado a vermelho; já as sobrancelhas e os bigodes eram reforçados com “rolha de cortiça queimada. Um deles traz um bumbo”. Todos gritavam: “Zé Pereira!” Zabumba, o homem do bumbo. “Zé Pereira”, bum, bum, bum. E as pessoas davam saltos. “Zé Pereira”, bum, bum, bum. Davam um salto e seguiam o seu destino.²³ O refrão musical do “Zé Pereira”, descrito por Americano, lembra aquele divulgado pelos jornais *A Rua*, no carnaval de 1916, e *O Clarim*, no carnaval de 1924: “Ta-rá! Ta-rá! Ta-rá! Ta-tá! Ta-tatá – tatatá – tará!... Dzigue – dizigue – bum! Dzigue-bum! Dzigue-bum, bum, bum! Zé Pereira!”²⁴ Paralelamente, emergiram os “blocos de sujos”, que se autodenominavam “esfarrapados” e “remendados”. Reunindo de cinco a dez rapazes — alguns dos quais trajando roupas rasgadas, vestidos com remendões, bolsas e lenços —,²⁵

²⁰Simson, *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano, 1914-1988*, Campinas, Editora da Unicamp; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 96-97. Sobre os caiapós, ver também Afonso Antonio de Freitas, “Folganças populares do velho São Paulo”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. 21, São Paulo, 1924, p. 7-31. Para um grupo de negros que se vestiam de índios na festa de Mardi Gras, em New Orleans (EUA), e organizavam práticas centradas no princípio do desafio, teias de identidade e solidariedade, semelhantes aos caiapós paulistas, ver Reid Mitchell, “Significando: carnaval afro-creole em New Orleans do século XIX e início do XX,” *In*: Maria Clementina Pereira Cunha (org.), *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*, Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2002, p. 41-70.

²¹Jorge Americano, *São Paulo naquele tempo, 1895-1915*, 2. ed., São Paulo, Carrenho Editorial; Narrativa Um; Carbono 14, 2004, p. 226-227.

²²*O Alfinete*, São Paulo, 09 Mar. 1919, p. 1.

²³Jorge Americano, *op. cit.*, p. 227.

²⁴*A Rua*, São Paulo, 24 Fev. 1916, p. 3; *O Clarim*, São Paulo, 02 Mar. 1924, p. 1.

²⁵*A Liberdade*, São Paulo, 07 Mar. 1920, p. 6.

percorriam as ruas dos bairros populares, cantando, dançando, improvisando, brincando sem outro compromisso senão o da diversão. Alguns se destacaram, como o Grupo dos Teimosos, no bairro do Bixiga, e o Bloco dos Boêmios, na Barra Funda. Esses blocos cresceram ano a ano no início do século XX, servindo de base para o nascimento, nas décadas de 1910 e 1920, dos cordões carnavalescos e dos ranchos, como o Diamante Negro e O Mimoso Girassol. Este último, constituído por “mocinhas negras”, destacou-se pelas características e *performances* públicas, tendo sido, inclusive, objeto de reportagem do jornal *O Estado de São Paulo*, em 1927.²⁶

Um personagem importante de todo esse processo foi Dionísio Barbosa. Por volta de 1909, esse afro-paulista transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estabeleceu contatos com gente de Engenho de Dentro, de Catumbi, de morro; estreitou laços de amizade com os irmãos de João da Bahiana e conviveu com bambas, jogadores de futebol e capoeiristas, além de ter assistido a desfiles de bandas militares e se enfileirou em blocos e ranchos carnavalescos.²⁷ Essas amizades e experiências foram marcantes na vida de Barbosa, de modo que, ao retornar em definitivo a São Paulo, ele trouxe na bagagem não só roupas e artefatos materiais, como ainda cabedal cultural — narrativas, estilos e símbolos afro-diaspóricos. Uniu-se a Luiz Barbosa, um irmão, Comélio Aires, um cunhado, e aos seus companheiros de jogo de malhos e — influenciados pelos folguedos locais, sobretudo os caiapós, pelas festas e tradições culturais afro-paulistas e pelas bandas musicais ou militares — fundaram o Grupo Carnavalesco Barra Funda, em 1914.

Na base de muita descontração, lá se foram os cerca de dez componentes, do primeiro cordão carnavalesco paulistano, ocuparem as ruas do bairro da Barra Funda. Vestidos com roupas despojadas, eles improvisavam brincadeiras, cantavam músicas próprias — choros e sambas —, executadas com violões, pandeiros e chocalhos de tampinhas de cerveja, e conclamavam seus parentes, vizinhos e conhecidos a vir se divertir com eles. No ano seguinte, o Barra Funda congregou maior número de negros do bairro e foi, aos poucos, se estruturando: definindo uniforme e adereços, insígnias, sede própria, ensaios, formato do desfile, no que concerne ao roteiro, aos instrumentos musicais, à distribuição das alas, às evoluções etc. Calça e sapatos brancos, chapéus de palha e camisa verde foram escolhidos como uniforme; por isso, o público passou a chamá-lo de “Camisa Verde”. Segundo *A Liberdade*, o Barra Funda mantinha um “salão de bailes na rua Brigadeiro Galvão”, patrocinando, no “tríduo da loucura”, condecoramentos regados a confetes, serpentinas e lança-perfumes. No domingo de carnaval de 1920, a programação da folgança foi arrebatadora: depois da festa “bem descontraída”, com o concurso de “gentis senhoritas e senhoras e de cavalheiros do bairro”, num dos momentos em que os corações mais pulsavam de contentamento,

²⁶Zélia Lopes da Silva, *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa, 1923-1938*. São Paulo, Editora Unesp; Londrina, Eduel, 2008, p. 74.

²⁷Depoimento de Dionísio Barbosa, em São Paulo, em 1976. Arquivo do Museu da Imagem e do Som (MIS) – SP. Filho e um ex-escravo, Barbosa nasceu na cidade de Itirapina, interior de São Paulo, em 1891, e foi o fundador do primeiro cordão carnavalesco da capital paulista. Faleceu em 1977.

surgiu como por um encanto um automóvel conduzindo uma orquestra com o seu estandarte fazendo parte deste conjunto muitas moças do nosso belo sexo que entoavam o hino do carnaval.

O jornalista d'*A Liberdade* notou

que era o cordão de camisa verde que vinha saudar o pessoal do [bloco] Floresta. O baile, que ocorreu sempre animado, prolongou-se até alta madrugada.²⁸

Quando o Momo instalou o seu trono em 1924, *O Clarim* proclamou aos seus leitores: “A vida é tão curta; a morte é a coisa mais certa do mundo, e o endiabrado deus da farra esta aí mesmo... Portanto, bailes hajam e viva o Momo!”²⁹ Vários clubes e sociedades recreativas dos afro-paulistas abriam os seus salões nos três dias consagrados às “estrepitosas homenagens” ao “deus da farra”. As sociedades Centro Paulistano, Smart, Grêmio Brinco de Princesas, 15 de Novembro, Kosmos, Clube 13 de Maio, Auri-Verde, 28 de Setembro e outras mais costumavam promover “retumbantes bailes carnavalescos” e concurso de fantasia, para saudar e reverenciar o Momo, o “supremo deus do prazer”.³⁰

“S. Paulo conta com mais uma sociedade carnavalesca. Evohé! Os paulistanos carecem de uma trégua nos seus afazeres. Precisam rir”

Já no que concerne aos cordões, eles continuaram ocupando o espaço público para comemorar o carnaval nos anos 1920 e — em meio a muitas negociações e anos de resistência numa cidade habitada predominantemente por brancos e imigrantes europeus — caíram no gosto dos afro-paulistas e se multiplicaram. Originários de ex-blocos de “esfarrapados” e “remendados” ou brotando espontaneamente, alguns se consolidaram, outros não, fundiram-se, desapareceram ou metamorfosearam-se, cingidos em novos formatos, contornos e dimensões. Assim se operou com a Nova Aliança Lira da Madrugada, o Miséria e Fome, o Angu da Baiana, o dos Camponeses, o Bando das Estrelas, os Soberanos, Os Desprezados, As Caprichosas, o Pavilhão Paulista, o Flor da Mocidade — do qual Grande Otelo fez parte —³¹, o Vai-Vai e muitos outros cordões. Eram os negros se unindo e se agenciando com sinais diacríticos no perímetro urbano, expressando-se coletivamente, apostando nas atividades lúdico-culturais, confrontando-se com os demais grupos na esfera pública e percebendo a sua especificidade. Arvorando-se, por assim dizer, como foliões e cidadãos.

²⁸*A Liberdade*, São Paulo, 07 Mar. 1920, p. 4.

²⁹*O Clarim*, São Paulo, 02 Mar. 1924, p. 4.

³⁰*O Clarim d'Alvorada*, São Paulo, 21 Mar. 1926, p. 3.

³¹Sérgio Cabral, *Grande Otelo: uma biografia*, São Paulo, Editora 34, 2007, p. 43.

Os significados do “deus Momo”

Em sua edição de fevereiro de 1924, um articulista d’*O Clarim* alardeou efusivamente:

Preparemo-nos, dentre todas as festas que comemoramos, esta é a de maior brilhantismo empolgante. É a festa da liberdade em homenagem ao deus Momo.³²

Para alguns afro-paulistas, o carnaval era a “festa da liberdade”, a festa mais importante do ano. Em função disso, seus preparativos começavam cedo. Quando um repórter d’*Progresso*, de alcunha Sacy, percorreu as agremiações carnavalescas em dezembro de 1930, constatou que “nos últimos dias do ano” já se

ouve alguma *coisa* que nos fale do deus bufão-Momo. Os foliões estão a postos. Cada qual fazendo mil conjecturas. Saltando com a única perna que possuímos, fomos dar uma volta pelos poleiros. Que beleza!³³

O carnaval mobilizava a “população de cor”, enchendo de expectativas, ansiedades e entusiasmos milhares de jovens e adultos, homens e mulheres. Não obstante, de que forma essa população concebia o carnaval e suas atividades correlatas?

“De todos os festejos que se realizam nestes cosmos de amargura”, pontilhava o *Elite*,

é sem dúvida o carnaval que leva a palma. Instituição velhíssima é de todas a mais jovial, a mais atraente, a mais desbragadamente louca. O bom senso que se armazenam por um ano inteiro voa como éter nesses dias de loucura.³⁴

Os afro-paulistas atribuíam diferentes sentidos e diversos significados ao carnaval. Para muitas vozes, o “reinado da folia” era um lenitivo aos sofrimentos sociais ou, antes, um momento de inversão ritual da faina diária — uma válvula de escape da penosa rotina de trabalho. Quando noticiou a fundação do “Congresso dos S. Carnavalesco”, o *Progresso* salientou: “S. Paulo conta com mais uma sociedade carnavalesca. Evohé! Os paulistanos carecem de uma trégua nos seus afazeres. Precisam rir”.³⁵ O memorialista Jorge Americano conta, com ironia, um episódio relacionado à lavadeira da família. Na manhã do sábado de carnaval, ela apareceu em sua casa pedindo adiantamento para comprar remédios, pois o filho estaria doente. À noite, porém, ele a viu à frente de um cordão carnavalesco “dançando o samba, com blusa de setineta e fita vermelha a tiracolo”. Na terça-feira, a lavadeira apareceu na casa “imprestável”; dormindo

³²*O Clarim*, São Paulo, 03 Fev. 1924, p. 2.

³³*Progresso*, São Paulo, 30 Dez. 1930, p. 6.

³⁴*Elite*, São Paulo, 02 Mar. 1924, p. 5.

³⁵*Progresso*, São Paulo, 19 Ago. 1928, p. 3.

em pé. É que “a doença do filho tinha pegado nela. Precisava de mais dinheiro para comprar remédios”!³⁶

Em determinada edição, o *Progresso* ponderou:

O deus da farra por três dias tomará conta da praça, fazendo os homens sérios, como o Argentino [Celso Wanderlei], o Euclides [dos Santos] e outros catões perderem o rumo da casa.³⁷

Para outras vozes, o carnaval denotava dias de loucuras, quando tudo era possível: sem limites, freios ou controles morais. Segundo *A Liberdade*, havia um

veterano costume de anos anteriores, em que uma senhora, em plena rua, sem poder agir, [...] se viam perseguidas [por mimosos] com gracejos imorais,

de modo que os “cordões não passavam de pretexto para os apertos e empurrões, dando campo para a prática dos seus intentos”.³⁸ Dias de galanteios, doses étlicas, transgressões, excessos e alegria desenfreada:

as tristezas, graças a Deus, vão ter uma trégua. Vão ser relegadas para muito longe. Bem longe. A alegria e folia já abrem alas, para que o deus da Pândega, entre gargalhadas loucas, fosse bem recebido,

assinalava o articulista.³⁹

Ainda tinham aquelas vozes que entendiam que o carnaval significava um momento de subversão simbólica, burlesca e satírica da ordem estabelecida, quando tudo ficava de ponta-cabeça; por isso, o *Clarim* conclamava: “bom senso nos dê, nos conceda uma alforria de 72 horas, que são, na voragem do ano, o curtíssimo prazo consagrado ao desafivelamento da máscara da face!”⁴⁰ Na mesma edição, o periódico reiterava:

ele [deus da Zombaria!], o nosso hóspede humorístico, personagem malicioso e mítico, chefe supremo da galhofa e rei do epigrama e da sátira, já se acha entre nós.⁴¹

Em uma sociedade permeada de tensões raciais no período pós-Abolição, o carnaval se tornava ocasião de ressoá-las através desse variado repertório lúdico e satírico. Mas será que o “deus da pândega”, “deus da zombaria”, “deus bufão”, “deus da farra”, enfim, o “super-deus da algazarra”, assumia para os afro-paulistas sentidos e contornos estritamente recreativos, de “fuga” ante ao quadro de desigualdades e hierarquias raciais? Para responder a essa pergunta, vale a pena acompanhar a trajetória do Campos Elyseos.

³⁶ Jorge Americano, *São Paulo naquele tempo, 1895-1915*, 2. ed., São Paulo, Carrenho Editorial; Narrativa Um; Carbono 14, 2004, p. 103-104.

³⁷ *Progresso*, São Paulo, 15 Fev. 1930, p. 6.

³⁸ *A Liberdade*, São Paulo, 07 Mar. 1920, p. 1.

³⁹ *Progresso*, São Paulo, 31 Jan. 1930, p. 6.

⁴⁰ *O Clarim*, São Paulo, 02 Mar. 1924, p. 2.

⁴¹ *O Clarim*, São Paulo, 02 Mar. 1924, p. 1. Para uma análise do caráter cômico e burlesco das manifestações culturais populares, ver a obra clássica de Mikhail Bakhtin, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, São Paulo, Hucitec; Brasília, Editora da UnB, 1987.

O “alvi-roxo”

O Camisa Verde motivou o nascimento de outros cordões, dos quais o mais importante foi, sem dúvida, o Grupo Carnavalesco Campos Elyseos. Originário do Bloco dos Boêmios — que desde 1913 se reunia na Alameda Glette, agitando as pândegas de Momo no bairro da Barra Funda —, o cordão foi idealizado por Argentino Celso Wanderlei, o qual recebeu a colaboração de Alcides Marcondes e José Euclides dos Santos, sobretudo. Não é de estranhar que o Campos Elyseos tenha se formado na Barra Funda. Na época, o bairro constituía o que já foi designado de “território negro”, pela significativa concentração ali da população afrodescendente.⁴² Além do baixo preço do aluguel nos porões, a Barra Funda atraía os negros devido às oportunidades de trabalho. É que o bairro ficava próximo às regiões nobres da cidade, como Campos Elíseos, Higienópolis e Santa Cecília, facilitando o deslocamento de mulheres que trabalhavam como domésticas (lavadeiras, cozinheiras, faxineiras etc.) nas casas das famílias abastadas da cidade. Também no bairro ficava a Estação Ferroviária da Barra Funda, onde funcionava um entreposto comercial de café. Nos grandes armazéns que margeavam a linha ferroviária, eram estocados produtos que vinham das cidades do interior. As atividades de carga e descarga desses produtos exigiam mão-de-obra braçal, constituindo, assim, uma opção de trabalho para muitos negros que chegavam à metrópole.

Na Barra Funda, várias famílias com graus de parentesco e compadrio, pessoas oriundas da zona rural e negros paulistanos, cada qual com suas experiências específicas, mas todos ligados por elos afro-diaspóricos, sociais e culturais, iriam engendrar tradições e “costumes em comum”.⁴³ O bairro era marcado por muito trabalho e muitos sons. O som dos trens da São Paulo Railway. O som das carroças, “com seu interminável ranger de eixos e chocalhos de animais”. Mas um som e um ritmo mais forte e mais alto vinha dos negros, o samba,

que se tornaria o som hegemônico da Barra Funda. Um misto de protesto e autoafirmação de um grupo. Desta forma, o som transformou-se em uma espécie de metalinguagem naquele que era o mais musical dos bairros da cidade.⁴⁴

Era na Barra Funda que, outrossim, residiam diversas “tias africanas com seus clãs”, praticantes do jongo, da macumba ou do samba de roda como

⁴²Raquel Rolnik, “Territórios negros nas cidades brasileiras (Etnicidade e cidade em São Paulo e no Rio de Janeiro)”, *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 17, Rio de Janeiro, 1989, p. 29-41.

⁴³E. P. Thompson, *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

⁴⁴José Carlos Gomes da Silva, *Os sub urbanos e a outra face da cidade. Negros em São Paulo: cotidiano, lazer e cidadania, 1900-1930*, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Unicamp, Campinas, 1990, p. 52. Sobre o samba em São Paulo nas primeiras décadas do século XX, ver Mário de Andrade, “O samba rural paulista”, *Revista do Arquivo Municipal*, vol. XLI, São Paulo, 1937, p. 37-116; Muniz Júnior, *Do Batuque à Escola de Samba: subsídios para a história do samba*, São Paulo, Símbolo, 1976; Iêda Marques Britto, *Samba na cidade de São Paulo, 1900-1930: um exercício de resistência cultural*, São Paulo, FFLCH-USP, 1986; José Geraldo Vinci de Moraes, *Sonoridades paulistanas: a música popular na cidade de São Paulo - final do século XIX ao início do século XX*, Rio de Janeiro, Funarte, 1995, p. 104-118; Eloíza Maria Neves Silva, *Histórias de vidas de mulheres negras: estudo elaborado a partir das escolas de samba paulistanas*, Dissertação de Mestrado em História, USP, São Paulo, 2002; Marcelo Simon Manzatti, *Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista*, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, PUC, São Paulo, 2005; Márcio Michalczuk Marcelino, *Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade de São Paulo*, Dissertação de Mestrado em Geografia Humana, USP, São Paulo, 2007.

extensão da própria vida familiar. Uma das tias mais populares foi Tia Olímpia, uma “negra bonita, com porte de nobreza”, que organizava festas e batuques num terreno ao lado de sua casa, na rua Anhanguera.⁴⁵ Tia Olímpia e as demais tias africanas foram importantes no sentido de germinarem o embrião do que deu origem aos primeiros cordões carnavalescos de São Paulo.

O Campos Elyseos foi gestado na casa de Argentino Celso Wanderlei, no coração da Barra Funda, próximo ao Largo da Banana, um tradicional ponto de negros que havia no bairro. Ali se reuniam diariamente jovens que viviam de pequenas atividades em torno da Estação Ferroviária. Faziam batuques, rodas de samba, praticavam a tiririca (um estilo paulista da capoeira), jogavam bilhar, tomavam cachaça e eram bons de briga. Se o lançamento do Campos Elyseos deu-se na casa de Celso Wanderlei, sua sede foi instalada na rua Jaguaribe, na casa de Euclides dos Santos.⁴⁶ Durante sua existência (1919–1960), o cordão carnavalesco teve várias sedes: no Largo do Arouche, na rua Florêncio de Abreu, 20; no Largo Riachuelo, 36; na rua Quintino Bocaiúva; todas oscilando entre o centro da cidade e o bairro da Barra Funda. Desfilou pela primeira vez em 1920, com cerca de 30 componentes, adotando como insígnia uma figura — misto de águia e serpente — e ostentando suas cores oficiais — camisa roxa e calça branca. Sua estrutura básica não se distinguia dos demais cordões: na frente do cortejo iam os balizas, entre os quais ficou famoso Saturnino de Oliveira;⁴⁷ atrás, os batedores com os bastões às mãos; a seguir, apareciam os componentes e, no meio, a porta-estandarte, fazendo evolução. Não possuía mestre-sala; em compensação, foi o precursor no uso do estandarte (bandeira) como símbolo distintivo e da figura da porta-bandeira, com a qual saiu desde a primeira vez.

Em matéria de pioneirismo, o cordão “batizou” o primeiro pavilhão carnavalesco de São Paulo, erigido para a confecção e o abrigo das fantasias. “Realizou-se a 20 de dezembro”, divulgava *O Clarim d’Alvorada*, “o batismo do pavilhão do C.C. Campos Elyseos”, na residência de Argentino Wanderlei.

Aos paraninfos, convidados e sócios, após esse ato solene, foi servida lauta mesa de doces. Durante esses atos, a orquestra sobre as ordens do sr. Quintino executou vários trechos musicais.

Fizeram uso da palavra “sr. Benedicto Florêncio e o orador oficial, sr. José M. Monteiro, terminando essa festividade na maior harmonia.”⁴⁸ Uma das atrações do “alvi-roxo” ou “Campos” — alcunhas pelas quais o Campos Elyseos ficou

⁴⁵Wilson Rodrigues de Moraes, *Escolas de samba de São Paulo - Capital*, São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, p. 17.

⁴⁶Depoimento de Zezinho da Casa Verde (pseudônimo de José Narciso Nazareth) em São Paulo, em 1978. Arquivo do Museu da Imagem e do Som (MIS) - SP. Seu Zezinho nasceu na capital paulista em 1911 e foi agente atuante no samba, nos cordões, nas festas populares e no futebol de várzea. Faleceu em 1988.

⁴⁷*Progresso*, São Paulo, 31 Dez. 1929, p. 4; *O Clarim d’Alvorada*, São Paulo, 03 Fev. 1929, p. 3. O testemunho de Zezinho da Casa Verde coincide com as informações veiculadas pelos jornais da imprensa negra na década de 1920: “O Saturnino era um baliza fora de série: muito elegante, alto. Crioulo alto, mas muito elegante. Trabalhava com a baliza melhor do que a Marinha Nacional. Trabalhava muito bem, não era esse negócio (sic); não jogava a baliza lá pra cima não, ele jogava era tudo nos dedos, muito elegante, era muito elegante!”. Depoimento de Zezinho da Casa Verde em São Paulo, em 1978. MIS - SP.

⁴⁸*O Clarim d’Alvorada*, São Paulo, 24 Jan. 1926, p. 6.

conhecido — ⁴⁹ era a bateria. Embora nela predominassem os instrumentos de percussão — caixas, surdos e bumbos de diversos estilos —, mesclava-se também o conjunto de choro, com flautim, clarinete, trombone, violão, banjos, chocalhos, pratos e prato com baqueta. Os instrumentos musicais ficavam divididos no cordão: clarinete na dianteira, uma caixa ao meio e, no final, o pessoal do choro, bem na frente de uma discreta bateria, que fechava o desfile. A divisão buscava garantir a distribuição do som, de modo que todos pudessem ouvir e cantar as marchas de seus próprios compositores, dentre eles, Alcides Marcondes, João de Souza e Benedito Gabriele, o “Camelinho”. Eis o estribilho de uma das composições do “alvi-roxo”, sem a identificação do autor:

O nosso cordão vai sê
o roxo-e-branco, as nossas cor até morrê
Depois da eternidade
Campos Elyseos vai deixá muita saudade⁵⁰

O Campos Elyseos não desenvolvia enredo, mas escolhia um tema como marco de referência para as fantasias. Seu desfile era feito a pé e não seguia um roteiro fixo. Havia, entretanto, certa preferência por alguns percursos e logradouros. Era comum sair da Barra Funda em direção à Avenida São João até o centro de São Paulo, no Largo São Francisco. Passava-se pelo Triângulo Central, onde se incluía uma saudação às autoridades policiais, de plantão no Pátio do Colégio, e, por último, a apoteose na Praça do Patriarca. Durante todo o percurso, o cordão era acolhido pelos transeuntes,⁵¹ mas, como na Praça do Patriarca existia uma maior concentração de populares, era lá que ele fazia uma exibição especial. Até pelo menos meados da década de 1920, o cortejo acontecia no domingo de carnaval.⁵² Começava à tarde e se estendia até por volta da meia-noite, quando o cordão, regressando à sua sede, dava continuidade aos festejos de Momo, até a aurora. A segunda-feira era dia normal de trabalho — e ressaca. Já no sábado e na terça-feira “gorda”, ocorriam bailes à fantasia e concursos das agremiações carnavalescas. Segundo Iêda Marques Britto, o Campos Elyseos foi “o mais importante cordão”, considerado

insuperável pelos remanescentes daquela época. Dele saíram importantes sambistas como Inocêncio ‘Mulata’, Alcides Marcondes e outros que participaram da fundação de outros cordões.⁵³

⁴⁹*Progresso*, São Paulo, 31 jan. 1930, p. 6.

⁵⁰Wilson Rodrigues de Moraes, *Escolas de samba de São Paulo - Capital*, São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, p. 27.

⁵¹Pelo menos o depoimento de D. Risoleta — uma filha de escravo, que nasceu em 1900 — sugere como os desfiles dos cordões, pelas ruas de São Paulo, gerava euforia entre os expectadores negros: “Quando fiquei mais crescadinha, no carnaval a gente caía na rua, passava o cordão, [...] ficava na calçada brincando. O carnaval era na rua. [...] Eu dançava, cantava, puxava o cordão, pintava o caneco. Passava mão numa vassoura, fazia dança com a vassoura e todo mundo me acompanhava”. Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, 3. ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 379.

⁵²Depoimento de Dionísio Barbosa, em São Paulo, em 1976. MIS - SP.

⁵³Britto, *Samba na cidade de São Paulo, 1900-1930: um exercício de resistência cultural*, São Paulo, FFLCH-USP, 1986, p. 78.

De fato, o Campos Elyseos passou a ser lembrado com um misto de saudosismo e admiração pelos sambistas que, ainda na tenra idade, lhe foram contemporâneos: “Na época dos cordões”, declarou Pé Rachado, “ninguém pegava o Campos Elyseos. Ele era o melhor”. “No Campos Elyseos”, testemunhou Eunice do Lavapés, “estava os maiorais”.⁵⁴ E não é para menos. Ele foi o cordão que mais colecionou títulos nos concursos dos préstitos dos negros, tendo sido homenageado pelas agremiações co-irmãs e pelos órgãos da grande imprensa,⁵⁵ sem falar que acalentou o surgimento de uma agremiação homônima na cidade de Rio Claro.⁵⁶ O Campos Elyseos notabilizou-se pela beleza das fantasias, pelo esmero, ritmo e fluidez das evoluções; pela cadência musical, pela vibração contagiante de seus foliões, mas também pela sua estrutura administrativa. Organizado em forma de sociedade recreativa, era regido por estatuto, documento no qual ficavam estampados seus objetivos, organograma, regras de funcionamento, critérios de eleição da diretoria, direitos e deveres dos associados. José Ferreira Pena, Manoel de Paula Camargo (Caneca), Benedito Luís da Silva e Augusto Pereira foram alguns dos presidentes da agremiação. No entanto, foi Luís Mendes quem mais tempo ficou no cargo, tendo sido reeleito por mais de um mandato. Já Argentino Celso Wanderlei — o fundador e a principal figura pública do cordão — foi o tesoureiro até julho de 1929, quando deixou o cargo depois de exercê-lo por dez anos.⁵⁷

O Campos Elyseos notabilizou-se pela beleza das fantasias, pelo esmero, ritmo e fluidez das evoluções, mas também pela sua estrutura administrativa

E quem era Argentino Celso Wanderlei? Uma liderança de credenciais no meio afro-paulista. Casado com Maria Isabel Wanderlei e pai de vários filhos (a “linda criança” Amélia, a “galante” Yolanda, o “pequeno” Sérgio, o “inteligente” José, a “dileta” Ruth, o “menino” Roberto e a “filhinha” Maria de Lourdes),⁵⁸ trabalhava como funcionário da Companhia Telefônica. Quando jovem, conheceu os bailes, festas, saraus, grupos musicais, blocos carnavalescos da “classe dos homens de cor” e se aproximou de associações recreativas e beneficentes, como o 15 de Novembro⁵⁹ e o Clube 13 de Maio, até adquirir experiência e liderar o movimento

⁵⁴Depoimentos de Pé Rachado e Eunice do Lavapés, em São Paulo, em 21 de novembro de 1980. *apud* Iêda Marques Britto, *op. cit.*, p. 99-100.

⁵⁵*Progresso*, São Paulo, 24 Mar. 1929, p. 5.

⁵⁶*Progresso*, São Paulo, 28 Abr. 1929, p. 2.

⁵⁷*Progresso*, São Paulo, 31 Ago. 1929, p. 5.

⁵⁸*Progresso*, São Paulo, 28 Jul. 1929, p. 2; *Progresso*, São Paulo, 07 Set. 1928, p. 4; *Progresso*, São Paulo, 15 Nov. 1928, p. 5; *Progresso*, São Paulo, 16 Dez. 1928, p. 5; *Progresso*, São Paulo, 13 Jan. 1929, p. 7; *Progresso*, São Paulo, 23 Jun. 1929, p. 5; *Progresso*, São Paulo, 20 Abr. 1930, p. 7.

⁵⁹Em determinada matéria, o *Progresso* reportava-se ao “espírito empreendedor” de Argentino Celso Wanderlei, apontando-o como um dos fundadores, em 1907, do “fidalgo” Clube 15 de Novembro. *Progresso*, São Paulo, 22 Jul. 1928, p. 3.

pela edificação do Campos Elyseos. Do ponto de vista do associativismo negro, era um idealista, que acreditava na capacidade de união, na engenhosidade e nas potencialidades criadoras dos seus “irmãos de cor”. “Argentino é um espírito organizador infatigável”, assinalavam os seus admiradores.

Quando a sua atenção não está voltada para este ou aquele projeto caritativo, quando o seu pensamento não está preso no princípio de uma defesa coletiva, [...] vemo-lo no seio de diversas associações, pugnando para o levantamento moral de sua raça, da qual ele é um lídimo elemento.⁶⁰

À parte os exageros, Argentino Celso Wanderlei converteu-se, deveras, numa referência positiva no meio afro-paulista. Graças ao seu “espírito organizador infatigável”, poder de negociação e habilidade para agregar as pessoas em torno das “causas que redundem em bem da coletividade”, ele “recebeu a consideração de todos quanto o conhecem”⁶¹ e foi várias vezes laureado pela comunidade negra.⁶²

É difícil definir a composição social dos membros do Campos Elyseos. Sabe-se que Luís Mendes e José Ferreira Pena, dois dos ex-presidentes do cordão carnavalesco, eram “funcionário do Tribunal de Justiça” e “auxiliar da Standard Oil”, respectivamente;⁶³ Manoel de Paula Camargo, que ocupou o posto de vice-presidente, era “funcionário da Companhia Telefônica”;⁶⁴ Alcides Paulino de Moura, que exerceu o cargo de “primeiro secretário”, era bancário, “funcionário do Banco do Comércio e Indústria”⁶⁵ e Luis Camilo, o “proficiente mestre-sala”, era “procurador” do jornal *Progresso*.⁶⁶ A partir dessa exígua amostra, pode-se imaginar que a agremiação carnavalesca aglutinava exclusivamente os negros alocados no mercado ocupacional e que muitos deles desfrutavam de posições privilegiadas. Inclusive, Olga Von Simson sustenta que o nome do Campos Elyseos foi escolhido em alusão ao bairro homônimo, de caráter aristocrático, exatamente para enfatizar a diferença do grupo fundador, em termos de *status* social e econômico, em relação ao Camisa Verde.⁶⁷ Com efeito, faltam dados e informações para atestar essa assertiva. Os negros que cerraram fileiras no Campos Elyseos eram majoritariamente trabalhadores subalternos, quando não informais ou braçais. Exerciam atividades de carregadores, vendedores ambulantes, carroceiros,

⁶⁰*Progresso*, São Paulo, 15 Nov. 1928, p. 2.

⁶¹*Progresso*, São Paulo, 30 Nov. 1930, p. 5.

⁶²O *Clarim d'Alvorada*, São Paulo, 24 Jan. 1926, p. 2. Em novembro de 1929, o *Progresso* homenageou Argentino Celso Wanderlei por ele ser um dos líderes do movimento que preconizava a construção, em praça pública, da herma a Luiz Gama: “Os pretos de São Paulo, que lhe deviam assinalados serviços, por certo ser-lhe-ão gratos, pela criação na praça pública da herma a Luiz Gama. Essa homenagem erguerá o moral, não só em S. Paulo, como em todo o Brasil, de todos aqueles que foram escravos nas terras livres da América”. *Progresso*, São Paulo, 24 Nov. 1929, p. 7. Em abril de 1930, Celso Wanderlei, por “unanimidade de votos” da diretoria do Campos Elyseos, recebeu o “título de presidente honorário” do cordão carnavalesco. *Progresso*, São Paulo, 20 Abr. 1930, p. 3.

⁶³*Progresso*, São Paulo, 28 Jul. 1929, p. 2; *Progresso*, São Paulo, 19 Ago. 1928, p. 3.

⁶⁴*Progresso*, São Paulo, 15 Nov. 1928, p. 2.

⁶⁵*Progresso*, São Paulo, 07 Set. 1928, p. 5.

⁶⁶*Progresso*, São Paulo, 12 Out. 1928, p. 3.

⁶⁷Olga Von Simson, *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano, 1914-1988*, Campinas, Editora da Unicamp, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 105.

motorneiros, serventes de pedreiros, operários, funcionários públicos, além de serviços domésticos e burocráticos, em posições de baixo escalão. Artur de Oliveira Soares, por exemplo, era amanuense; José Domingues Justino Leite, “funcionário do tráfego da Light”, e Jorge de Almeida, “auxiliar de comércio”. Parece que os *bambas da Glette* — um grupo de negros que residiam em moradias baratas ou cortiços da Barra Funda e se reuniam no final da Alameda Glette, quase no Bom Retiro, para jogarem no campo de futebol e promoverem batuques extáticos, em rodas de samba acompanhadas pelas pernadas e umbigadas — igualmente participavam do cordão.⁶⁸

O Campos Elyseos mantinha várias atividades lúdico-culturais durante o ano, quer para forjar laços de identidade e sociabilidade no meio afro-paulista, quer para conquistar a adesão de novos membros para o cordão, quer para angariar recursos para custear as despesas do carnaval.⁶⁹ As mais triviais dessas atividades consistiam nas festas (*soirées* ou “vesperais” dançantes), realizadas periodicamente em sua sede ou em salões de bailes e clubes alugados, ganhando destaque o salão localizado no antigo Largo do Riachuelo, número 36:

em comemoração à data da nossa emancipação política, que se transcorre hoje, [o Campos Elyseos] oferece aos seus incontáveis admiradores uma vespéral dançante. Esta reunião, que por certo reunirá, número seletivo de pessoas, iniciar-se-á às 19 terminando a 0 horas.⁷⁰

As vesperais dançantes despertavam a atenção da comunidade negra, principalmente dos jovens. Cobrava-se, nessas tertúlias, a entrada dos não sócios do cordão. Com a renda arrecadada dos ingressos e da movimentação do bar, constituía-se uma reserva para montagem do desfile. Quanto ao calendário, as festas seguiam um padrão eclético. Havia festas no dia da Independência do Brasil, do aniversário do cordão, da Páscoa, do São João, da proclamação da República, do ano novo (dia 1º de janeiro), além de quermesses, saraus e chás dançantes:

Ritmado por uma excelente orquestra, o Grupo Carnavalesco Campos Elyseos realiza hoje [15 de novembro] um chá dançante. Essa reunião, que comemora a data que hoje se transcorre, levará por certo, ao salão internacional, grande número de convidados e sócios.⁷¹

Quando se aproximava o carnaval, o “alvi-roxo” intensificava os ensaios — que ocorriam em sua sede aos domingos, começando no final da tarde e se

⁶⁸Conforme assinala José Carlos Gomes da Silva, a presença daqueles negros nos botequins no final da Alameda Glette, no bairro da Barra Funda, e “certamente as brigas que patrocinavam valeram-lhes o termo genérico de os *bambas da Glette*”. José Carlos Gomes da Silva, *Os sub urbanos e a outra face da cidade*. Negros em São Paulo: cotidiano, lazer e cidadania, 1900-1930, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Unicamp, Campinas, 1990, p. 69.

⁶⁹O Campos Elyseos cobrava uma contribuição financeira dos sócios, mas esta era insuficiente para responder por suas despesas. É tanto que, no balancete do ano de 1928, declarava-se que o cordão arrecadou cerca de 4:580\$000 (quatro contos e quinhentos e oitenta réis) de receita e contraiu 12:680\$000 (doze contos e seiscentos e oitenta réis) de despesa. *Progresso*, São Paulo, 13 Jan. 1929, p. 7.

⁷⁰*Progresso*, São Paulo, 07 Set. 1928, p. 4. Ver também *Progresso*, São Paulo, 16 Dez. 1928, p. 1.

⁷¹*Progresso*, São Paulo, 15 Nov. 1928, p. 5.

estendendo até a noite — e o ciclo de festas e bailes. Nessas ocasiões, os músicos tocavam em “benefício”, ou seja, não cobravam. Todo dinheiro coletado era destinado aos gastos do carnaval. Outras fontes de recursos provinham do Livro Ouro, passado entre os comerciantes do bairro, e do Baile da Rosa, no qual

uma flor era arrematada mediante lances em dinheiro e oferecida a uma das mulheres presentes, que saía então para dançar com o arrematador do lance.⁷²

No tocante às opções de entretenimento, comuns também eram os piqueniques e excursões, rumo a Santos ou às cidades do interior, como Sorocaba, Jundiá, Rio Claro, Bom Jesus de Pirapora e Campinas. “Esteve domingo passado em Campinas”, noticiou *O Auriverde*,

o simpático Grupo Carnavalesco Campos Elyseos, o qual promoveu aos seus associados e amigos um lauto piquenique, que agradou a todos. O seu regresso foi concorridíssimo, notando-se na Estação Campineira representantes de diversas sociedades [negras].⁷³

Em 1924, o “campeão dos clubes carnavalescos da capital do Estado” passou o último domingo do mês de abril na terra de Carlos Gomes. Segundo a reportagem do *Getulino*, “grande era o número de senhorinhas e cavalheiros” que se encontravam na estação ferroviária, “ávidos para cumprimentarem um dos expoentes da sociedade paulistana”. Finalmente, às 8h10, chegou o trem com os foliões, “cujo desembarque se deu sob palmas da assistência”. Depois dos cumprimentos, o Campos Elyseos desfilou pela cidade de Campinas, recebendo “aplausos de toda a população”. Defronte da residência de Benedito Florêncio, os visitantes pararam a fim de ouvir a “quente saudação” que aquele líder negro fez à “alegre mocidade paulistana”. Em nome dos visitantes, falou João Teodoro de Souza, sendo o seu discurso “muito apreciado”. Ritmando a “marcha com afinadas canções”, seguiu o “campeão paulistano” para o Bosque dos Jequitibás, onde, depois de breve descanso, tiveram início as danças e outros divertimentos, em que, “como numa só família”, confundiam-se negros campinenses e paulistanos, “emprestando muita vida aquele pitoresco ponto de diversão, que se achava coalhado de pessoas”. Às 12h00, no salão do restaurante, “habilmente gerido pelo Higinio Leme”, foi servido um “delicioso ágape”, tomando parte nele considerável número de convidados. Falou, oferecendo o almoço aos campinenses, João Teodoro de Souza, respondendo-lhe em agradecimento, Benedito Florêncio, que, “como sempre, produziu uma linda oração”. Terminando a refeição, continuaram as “danças no salão e ao ar livre, ritmadas pelo afinada G. M. Campos Elyseos”. Antes de os visitantes retirarem-se do Bosque, Euclides Silvério dos Santos, “instrutor do grupo”, ordenou que os carnavalescos sob a sua direção fizessem evoluções cantando

⁷²Iêda Marques Britto, *Samba na cidade de São Paulo, 1900-1930: um exercício de resistência cultural*, São Paulo, FFLCH-USP, 1986, p. 81.

⁷³*O Auriverde*, São Paulo, 15 Abr. 1928, p. 2. Sobre a visita do Campos Elyseos a Campinas, em abril de 1928, ver ainda *O Patrocínio*, Piracicaba, 07 Abr. 1928, p. 4 e *O Clarim d'Alvorada*, São Paulo, 01 Abr. 1928, p. 4. Para a visita do cordão a Sorocaba, ver *O Clarim d'Alvorada*, São Paulo, 20 Jun. 1926, p. 3.

a música “Tristeza do Jeca”, uma saudação a Campinas, “terra das palmeiras”. Às 17h00, os “camisas alvi-roxas” desceram para a cidade, “saudando no seu trajeto as diversas sociedades”. Tocou a “alma” dos campineiros a homenagem prestada a Carlos Gomes, “a qual consistiu em evoluções em estilos diversos em continência”. Sempre cantando, ora seu hino oficial, ou alegres marchas, seguiu o “campeão para a estação, onde às 18h15 embarcou de regresso à capital do Estado”, levando da cidade de Campinas a “mais grata impressão”. Para finalizar a reportagem, o *Getulino* augurava:

Oxalá que visitas como estas sempre reproduzam, para cada vez mais, os laços de amizade que unem [negros] campineiros e paulistanos estreitem dia a dia, como é nosso desejo.⁷⁴

O “campeão dos clubes carnavalescos” conquistou uma relativa inserção em São Paulo, pois foram muitas as vezes em que a agremiação deslocou-se a outras cidades do Estado, para estabelecer, quando não estreitar, intercâmbios político-culturais com o meio afro-paulista local. No domingo de páscoa de 1929, cerca de 80 componentes do Campos Elyseos viajaram para Rio Claro, onde comemoraram a vitória no carnaval daquele ano. “Grande era o número de pessoas que na estação da Princesa d’Oeste aguardava o clube do Argentino, que ali desembarcou sob palmas”, noticiou o *Progresso*. Descendo do trem, os componentes do “alvi-roxo” puseram em marcha pela cidade, cumprimentando as autoridades, associações e a imprensa. Em seguida, dirigiram-se para a agremiação Variedade, onde comeram, beberam e dançaram até a hora do regresso — às 18h00. As agremiações Livro de Ouro e União Fás à Força prestaram “significativas homenagens ao Campos Elyseos”.⁷⁵

Embora o carnaval fosse o mote de sua existência, o cordão preocupava-se com a elevação moral, social, cultural e intelectual dos “homens de cor”. Na década de 1920, ganharam destaque os chamados “festivais”, que combinavam “sessão solene” — de discurso das lideranças negras —, “ato variado”, música, dança e muita animação. No dia 19 de dezembro de 1925, o Campos Elyseos promoveu o seu Primeiro Festival, o qual transcorreu “com grande concorrência e admirável precisão”. Constou de sessão solene, ato variado e um “retumbante” *soirée* dançante que se prolongou até alta madrugada, ao som da orquestra do Benedicto Vianna. Tanto as atrações do “ato variado” como os oradores das associações negras presentes foram

muito aplaudidos; entre todos sobressaiu o sr. Benedicto Florêncio, tribuno excelente, jornalista conhecido da tradicional terra de Carlos Gomes que soube prender com suas belas palavras a atenção de todos os presentes.⁷⁶

No dia 24 de dezembro do ano posterior, o cordão realizou um “festival” no salão Itália Fausta, sito à rua Florêncio de Abreu, número 45. Às 22h00, teve

⁷⁴*Getulino*, Campinas, 01 Maio. 1924, p. 2.

⁷⁵*Progresso*, São Paulo, 28 Abr. 1929, p. 2.

⁷⁶*O Clarim d’Alvorada*, São Paulo, 27 Dez. 1925, p. 4.

início a “sessão solene”, após a chegada das “comissões das sociedades amigas”. Falaram, por essa ocasião, Veiga dos Santos, pelo Clube Auri-Verde; Gervásio de Moraes, pelo Centro Cívico Palmares; Waldomiro Fleury, o representante d’*O Clarim d’Alvorada*;

Sr. Santana e Sra. M. Floriano, João Paiva e A. Rosa, oradores cariocas, este em nome da Cia. Bataclan Preta, aquele em nome dos carnavalescos cariocas, que souberam arrancar aplausos da assistência.

Usou da palavra, pelo Campos Elyseos, José Monteiro, orador “eloqüente que, com palavras expressivas e bem concatenadas”, agradeceu às associações negras ali representadas. Ao finalizar a sua oração, recebeu muitos cumprimentos. A segunda parte do festival constou de um “ato de variedades”. Em seguida, “foi dado início ao pomposo baile ao som de uma orquestra admirável. Bom bufet”.⁷⁷ No dia 15 de novembro de 1928, *Progresso* anunciava mais uma “festa oficial” do Grupo Carnavalesco Campos Elyseos, no “vasto” salão do prédio 5 da rua Conceição. O programa seria dividido em três partes: espetáculo teatral, sessão solene e baile. O espetáculo consistiria da representação da comédia de João Francisco de Araújo — *A Desonra reduzida a sainete*. A sessão solene ficaria a cargo do Sr. Francisco Juvêncio Cruz, presidente do Clube Auri-Verde. E um excelente *Jazz* imprimiria ritmo às danças: o traje para as festas do Campos Elyseos seria a rigor.⁷⁸

As atividades culturais, artísticas e recreativas do “alvi-roxo” não estavam dissociadas da militância. Aliás, o cordão era concebido como uma ferramenta na luta pela valorização do negro. Além dos “festivais”, ele comemorava a abolição da escravatura em todo 13 de Maio, participando das romarias em celebração à memória dos abolicionistas;⁷⁹ enfronhou-se na campanha pela construção da herma a Luiz Gama, investiu na produção e difusão de repertórios, ritos e símbolos afro-diaspóricos e procurou estabelecer alianças e parcerias com os órgãos em defesa dos homens de cor, da capital e do interior. Em junho de 1926, por exemplo, o Campos Elyseos promoveu, em sua sede social, um “festival dançante em benefício” do jornal *O Clarim d’Alvorada*. O evento foi concorrido e lá se apresentou um “batalhador e conhecidíssimo da classe”, Jayme B. Camargo, o diretor principal da Federação dos Homens de

⁷⁷*O Clarim d’Alvorada*, São Paulo, 15 Jan. 1927, p. 5.

⁷⁸*Progresso*, São Paulo, 15 Nov. 1928, p. 5.

⁷⁹Em livro de memórias, José Correia Leite — uma legendária liderança negra — lembra-se de que o jornal *O Clarim d’Alvorada* organizou, no dia 13 de maio de 1927, uma “romaria aos túmulos dos abolicionistas na necrópole da Consolação. Talvez seja essa a primeira romaria organizada com o apoio de várias agremiações negras. Partindo do Largo do Riachuelo, com a bandeira nacional à frente e os estandartes dos grêmios C. C. Campos Elyseos, C. R. Auri Verde, G. R. União Mocidade e outros, a romaria move-se animada pelo entusiasmo e pelo seu caráter festivo”. No cemitério da Consolação, a romaria parou em frente ao túmulo de Luiz Gama, quando Vicente Ferreira proferiu um discurso “eletrizante”. Ele falou “entre soluços e os que o ouviam choravam ou esforçavam-se para não chorar. [...] Proferia em retaliações amargas, as injustiças, os crimes, o abandono e degradação a que fora jogada a raça negra”. José Correia Leite, *E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*, org. Cuti, São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p. 295-296. Sobre a “romaria cívica aos túmulos dos abolicionistas extintos”, da qual o Campos Elyseos fez parte, ver *O Clarim d’Alvorada*, São Paulo, 18 Jun. 1927, p. 4, que corrobora as memórias de José Correia Leite.

Cor. “Agradecemos”, consignou *O Clarim d’Alvorada*, “penhoradamente a todos que nos auxiliaram com suas amáveis presenças e mais uma vez aos dignos diretores do Campos Elyseos, conhecedores das dificuldades dos que labutam em prol dos seus irmãos”.⁸⁰

Sem embargo, a principal iniciativa militante do “alvi-roxo” foi o *Progresso*, um jornal editado a partir de 1928 e que lhe serviu de porta voz, noticiando fatos referentes ao cotidiano, às atividades, às demandas e aos ideais do folgado carnavalesco.

Em comemoração do seu nono aniversário [...], o Campos Elyseos iniciou a publicação do semanário *Progresso*, sob a direção de Lino Guedes, o conhecido poeta d’*O canto do cisne preto*.

O jornal,

que é de propriedade do sr. Argentino C. Wanderlei”, é “bem feito [...] e dedica-se a assuntos que se prendem ao momento de organização das associações de homens de cor; e a outros problemas concernentes à vida dos homens brasileiros pretos.”⁸¹

No décimo aniversário do Campos Elyseos, *Progresso* lhe rendeu tributo: “Falarmos da atuação do alvi-roxo neste decênio seria repetirmos a série de triunfos, que vem alcançando nos carnavais da pauliceia”. Não contente em dar a “nota alegre no tríduo de Momo”, o cordão organizou “ensaios domingueiros”. Já os piqueniques que realizavam nas diversas cidades nada mais eram do que fator de “união, entre a gente boa e culta do interior, com a da capital”. A sua seção artística reunia um “elevado número de amadores inteligentes que se desobrigam com a maior facilidade dos papéis mais difíceis que se lhe confiarem”. Por todas essas

benemerências em prol do negro paulistano, não podemos deixar de enviar os nossos mais sinceros cumprimentos à diretoria do Grupo Carnavalesco Campos Elyseos.⁸²

A revista *Evolução* foi outro órgão da imprensa negra que enalteceu o papel do Campos Elyseos junto à “gente de cor”:

Este tradicional cordão que há muitos anos vem emprestando o seu grande concurso às festividades do Rei Momo, também é uma das associações nossas que sempre empresta o seu apoio às realizações nobres da nossa gente. Portanto é justa esta nossa singela homenagem.⁸³

Havia a percepção de que o “alvi-roxo” cumpria um papel proativo na *pauliceia desvairada* e que suas ações, no campo artístico, cultural e recreativo, promoviam a “população de cor”, contribuindo, em última instância, para a

⁸⁰*O Clarim d’Alvorada*, São Paulo, 24 Jun. 1926, p. 4.

⁸¹*Progresso*, São Paulo, 22 Jul. 1928, p. 2.

⁸²*Progresso*, São Paulo, 23 Jun. 1929, p. 2.

⁸³*Evolução*: revista dos homens pretos de São Paulo, São Paulo, 13 Maio. 1933, p. 12.

ressignificação da imagem pública do conjunto desse segmento populacional. Em vez de reforçar uma imagem negativa do negro — como um ser incapaz, imperito e inferior —, o cordão carnavalesco positivava, colocando em vitrine os seus atributos cognitivos e talentos empreendedores. Se as instâncias políticas formais eram refratárias aos negros, as linguagens da arte (música e dança), da cultura, do corpo e do lazer lhes serviram de trincheira.⁸⁴ Mais que um fim em si mesmo, o carnaval, com suas atividades correlatas, foi apropriado pelo Campos Elyseos como um instrumento tático em prol do soerguimento da “população de cor”. É verdade que o cordão não declarava abertamente guerra ao sistema vigente, mas seu caráter de resistência é inegável; quando demarcava posição na esfera pública, (re)elaborava e positivava fronteiras identitárias, colocava em circulação retóricas raciais e ostentava *performances*, símbolos e artefatos afro-diaspóricos obliterados, quando não renegados, em São Paulo no período da Primeira República.

Segundo Iêda Britto, os grupos carnavalescos não aceitavam, até 1921, o ingresso de mulheres, nem nos desfiles. E mesmo depois dessa data, a resis-

A esfera do lazer abria uma fresta para a utopia redentora. Talvez tenha sido por isso que os afro-paulistas penhoraram tanta energia em prol do carnaval

tência teria persistido por parte de algumas famílias negras, cabendo aos dirigentes dos cordões a tarefa de convencer os pais a permitirem a saída de suas filhas.⁸⁵ Será que essa suposição procede? A historiadora Zélia Lopes da Silva, em pesquisa mais recente, apurou a presença “marcante” da mulher negra no carnaval de rua, incorporando-se aos “cordões existentes, como foi o caso do *G. C. Barra Funda*, que tinha a ala das amadoras desde 1922”. Nesses blocos carnavalescos, elas animavam festas, disputavam os concursos de fantasia e “inauguraram a função de portaestandarte, posteriormente porta-bandeira, nos seus desfiles oficiais”.⁸⁶ Já no Campos Elyseos, também atestou-se a participação feminina — e numa dimensão não desprezível. Davina de Oliveira, Maria Isabel Wanderlei, Maria Conceição, Sebastiana Barreto Muniz, Benedicta Alves de Lima, Mercedes de Campos e outras mulheres produziam as fantasias, executavam as tarefas organizativas e logísticas dos bailes, chás, convescotes e

⁸⁴Sobre essa questão, ver Paul Gilroy, *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*, São Paulo, Editora 34, 2001, especialmente o terceiro capítulo.

⁸⁵Iêda Marques Britto, *Samba na cidade de São Paulo, 1900-1930: um exercício de resistência cultural*, São Paulo, FFLCH-USP, 1986, p. 97.

⁸⁶Zélia Lopes da Silva, *Os carnavais de rua e dos clubes na cidade de São Paulo: metamorfoses de uma festa, 1923-1938*, São Paulo, Editora Unesp; Londrina, Eduel, 2008, p. 220. Em sua edição alusiva aos festejos de Momo de 1928, *O Clarim d'Alvorada* asseverava que o Grupo Carnavalesco Barra Funda mantinha um “grupo de amadoras”. Elas seriam o “braço direito” do grupo, conforme “suas forças legais: — são elas que dão as mais belas provas carnavalescas e em todas as mais distintas festas desta sociedade, empregando os seus esforços”. *O Clarim d'Alvorada*, São Paulo, 05 Fev. 1928, p. 4.

festivais, auxiliavam no ensaio do setor mirim e desfilavam no cordão. Tem-se, inclusive, notícia da existência de uma “diretoria feminina”, presidida por Stelita Arruda e com direito a mandato e tudo mais.⁸⁷ Em fevereiro de 1929, o *Progresso* lhe prestou uma homenagem, pelos nove anos de “dedicação” aos Campos Elyseos:

Há nove anos que ao alvi-roxo d. Stelita vem dedicando as suas melhores atenções, atenção essa que a levou por três vezes a presidência do G. C. Campos Elyseos. Espírito organizador, conquistadora de respeito e louvores que significam uma alta recompensa ao seu irrefutável talento, Stelita Arruda, na sua figura gentil, ostenta, harmoniosamente, a graça e a elegância dos que descendem da gloriosa heráldica. [...] Luis Mendes Filho, orador do Campos Elyseos, depois de um lindo discurso, entregou à homenageada, o custoso pergaminho, que lhe conferia o título de primeira presidente honorária daquela sociedade carnavalesca. Em nome do casal Serafim de Arruda, falou o sr. Euclides dos Santos, que disse do contentamento de d. Stelita, por aquela homenagem, que a concitava a trabalhar mais ainda para a glória do já glorioso — Campos Elyseos.⁸⁸

Stelita era um dos quadros femininos mais impetuosos do Campos Elyseos. Casada com José Euclides dos Santos, um dos fundadores do “alvi-roxo”, e orgulhosa de suas origens raciais, não desperdiçava as oportunidades de atrair novas mulheres para fazer parte daquela jornada de afirmação do negro. Todavia, ela não esperava um reconhecimento tão expressivo; por isso, ter recebido o título de “primeira presidente honorária” do Campos Elyseos deixou-a muito feliz, lisonjeada, renovando sua disposição de trabalhar com denodo em prol do desenvolvimento do cordão carnavalesco.⁸⁹ O papel das mulheres, atuando ao lado dos homens, foi fundamental para os triunfos do “alvi-roxo”, impulsionando a “própria permanência da principal manifestação negra no carnaval paulistano”.⁹⁰ Já no que tange às crianças, o Campos Elyseos criou *Os Desprezados*, um grupo carnavalesco infantil. Dirigido por Manoel Conceição e Luiz Camilo, *Os Desprezados* desfilava nas ruas da Barra Funda e, eventualmente, participava dos certames ligados aos festejos de Momo. Em 1928, o grupo venceu o concurso de “farandulas e cordões” infantis, no Coliseu Paulista, recebendo

⁸⁷No dia 13 de janeiro de 1929, o *Progresso* noticiou o evento de posse da nova diretoria do Campos Elyseos e informou que, na ocasião, também foi “empossada a diretoria feminina”, que estava assim formada: “Stelita S. Arruda, presidente; Benedicta Alves de Lima, vice; Gina Cabral e Adelaide Alves Lima, secretárias; Maria José Arruda e Elza de Souza, tesoureira; Sebastiana Felipe e Maria Catulina, diretora geral e auxiliar, respectivamente; Maria de Lourdes Arruda e Brasília Alves Lima, fiscais e Amélia Conceição, procuradora”. *Progresso*, São Paulo, 13 Jan. 1929, p. 7.

⁸⁸*Progresso*, São Paulo, 24 Fev. 1929, p. 2.

⁸⁹Outra mulher que, mais tarde, destacou-se no Campos Elyseos foi Dona Cecília. Foi chamada por Inocêncio Tobias de “grande ensaiadora”, ao passo que, para Pé-Rachado, ela era um bastião do carnaval: “Os Campos Elyseos só acabou porque essa mulher morreu. Ela era uma potência! Tinha autoridade suprema lá. A autoridade dela! Ela sozinha, na avenida, ela comandava o cordão inteirinho duma maneira que, eu vou dizer a verdade, pra ganhar dos Campos Elyseos naquele tempo tinha que rebolar muito...”. In: Wilson Rodrigues de Moraes, *Escolas de samba de São Paulo – Capital*, São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978, p. 28.

⁹⁰Olga Von Simson, *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano, 1914-1988*, Campinas, Editora da Unicamp, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 182.

“solenemente” uma taça de premiação.⁹¹ Com o tempo, os integrantes d’Os *Desprezados* se tornaram adolescentes e jovens e resolveram se expressar autonomamente, desligando-se do Campos Elyseos. Então, Declovis de Oliveira, o “diretor cênico” deste cordão, passou a coordenar uma nova “troupe infantil”⁹²

Conforme argumenta Von Simson, exclusivamente os negros participavam dos desfiles dos cordões carnavalescos até meados da década de 1930. Os brancos, fossem eles vizinhos de bairro ou colegas de trabalho, podiam ajudar financeiramente ou em espécie, sem, contudo, participarem mais diretamente. “Não que não fossem aceitos: simplesmente não se interessavam por participar de ‘coisa de negros’”.⁹³ Foi essa manifestação carnavalesca, oriunda de um “território negro” de São Paulo, que granjeou a aceitação popular no decurso dos anos e se oficializou em 1968. De “coisa de negros”, tornou-se coisa respeitada, aplaudida e celebrada pela *mass media*, pelos órgãos estatais e pelos arautos da identidade cultural da terra da garoa. Até lá, muitos desfiles foram realizados, muitos confetes e serpentinas, jogados e muitos sambas e marchas, entoados por debaixo da ponte dessa história.

Mesmo experimentando a condição de “quase-cidadão”⁹⁴ e enfrentando um nefasto “preconceito de cor” em São Paulo nas primeiras décadas do pós-Abolição, os negros não capitularam às adversidades da vida e, nos limites do possível, procuraram cavar espaços alternativos de participação política, sociabilidade, cultura e lazer, que acenavam para uma arena de igualdades, direitos e cidadania. Isso foi possível graças à ação coletiva (e propositiva) dos afro-paulistas que resultou na criação de seus próprios jornais, clubes e associações carnavalescas. Numa ordem republicana cujos canais de interlocução entre o cidadão comum e o Estado eram manipulados muitas vezes ao sabor dos grupos dominantes ou simplesmente inexistiam, as manifestações no campo cultural adquiriam um caráter afirmativo, de negociação e conflito ante as instâncias do poder, de modo que os cordões carnavalescos — vertendo a capacidade de organização, engenhosidade, criatividade, brilho, irreverência e bom humor — constituíam uma resposta dos setores negros ao sistema vigente. Cada desfile servia como contraponto estético, plástico e simbólico às agruras do racismo à paulista. Se o clima era de intolerância, o palco das ruas se iluminava para a vida.

O Campos Elyseos foi uma agremiação que procurou catalisar os anseios, as expectativas e as motivações dos afro-paulistas nos frementes “tríduos da loucura”, na década de 1920. Oportunizava aos seus associados momentos de

⁹¹*Progresso*, São Paulo, 23 Jun. 1928, p. 4.

⁹²*Progresso*, São Paulo, 20 Ago. 1930, p. 6.

⁹³Simson, *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano, 1914-1988*, Campinas, Editora da Unicamp; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, p. 132.

⁹⁴Olívia Maria Gomes da Cunha; Flávio dos Santos Gomes (orgs.), *Quase-cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2007.

lazer, para brincar entre “iguais”, com descontração, irreverência e alegria transbordante. Eram dias para se dar vazão às tensões sociais e raciais cotidianas, para transgredir as normas vigentes e cometer excessos (delirar) como se não houvesse o amanhã — a quarta-feira de cinzas. Não obstante, os “tríduos da loucura” possuíam, para o cordão, um significado que ia além do “simples” brincar, da fruição do momento. Redefinindo o carnaval e suas atividades correlatas a partir das injunções conectadas à diáspora, o Campos Elyseos propiciava aos negros um importante espaço de realização etnicorracial. Ao patrocinar as atividades lúdicas e programas artístico-culturais durante todo o ano e adotar o *Progresso* como seu “órgão oficial”,⁹⁵ a agremiação carnavalesca permitia que os seus membros se sentissem garbosos e sobranceiros — ou seja, capazes, habilidosos e competentes —; interagissem proativamente, permutando experiências, tradições e “costumes em comum”; forjassem laços de sociabilidade, pertencimento e afinidades eletivas, estabelecendo intercâmbios com a emergente rede de associações em defesa dos “homens de cor”, da capital e do interior; inventassem e reinventassem *performances*, alegorias, emblemas e narrativas afro-diaspóricas; em síntese, o Campos Elyseos contribuía para o processo de formação e desenvolvimento da identidade e consciência racial do negro em São Paulo.

O “alvi-roxo”, porém, não era tido como o único baluarte da causa. Basta saber o que o *Progresso* falava do Barra Funda, esse grupo carnavalesco que, “por uma série interminável de anos”, estaria fazendo a “delícia” da São Paulo que se diverte. Fundou-o Dionísio Barbosa, Cornélio Aires e “outros cujos nomes não nos ocorre de momento”. Seria seu presidente, na ocasião, Tibúrcio de Almeida.

Dizer o que tem sido o ‘Camisa Verde’ (nome de guerra do Barra Funda), de uns tempos para cá não é necessário. Seus ensaios, suas festas e a sua luzidia apresentação no carnaval paulistano, são provas cabais de que a agremiação da rua Lopes Chaves concorre para o levantamento do moral do negro.⁹⁶

A esfera do lazer abria uma fresta para a utopia redentora. Talvez tenha sido por isso que os afro-paulistas penhoraram tanta energia em prol do carnaval, fazendo dessa manifestação popular uma oportunidade para mobilizar a “população de cor”, franquear projeção aos seus talentos e potencialidades e visibilidade aos seus ímpetos de autoafirmação. Os cordões carnavalescos tornaram-se veículos através dos quais os negros deram vazão às iniciativas criadoras, desenvolveram suas qualificações artístico-culturais e envergaram suas bandeiras, seus rituais e símbolos afro-diaspóricos, possibilitando, por um lado, o fortalecimento dos laços de união, amor próprio e solidariedade entre os “irmãos de cor” e, por outro, o diálogo com as agências da sociedade civil e do Estado. Em suma, os cordões carnavalescos concorreram para o “levantamento do moral do negro”.

⁹⁵*Progresso*, São Paulo, 22 Jul. 1928, p. 2.

⁹⁶*Progresso*, São Paulo, 28 Jul. 1929, p. 5.